

QUINTA-FEIRA • 10 DE MARÇO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30972
de 10 de Março de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

FAMÍLIA MAGALHÃES

“NINGUÉM DISSE QUE O AMOR ERA FÁCIL”

PARA ALÉM DA ADOÇÃO E DA DEFICIÊNCIA

— P. 3-5 —

DE PAROQUIANOS A DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

HUGO VENTURA

PADRE | CENTRO MISSIONÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

A Igreja presente na Arquidiocese de Braga vive um tempo de graça: o Ano Missionário. Este dará frutos: se os cristãos se empenharem em redescobrir a sua identidade e o dom da fé, numa atitude contínua de “autêntica e renovada conversão ao Senhor”; se a fé anunciada brotar de Jesus Cristo e do seu modo de viver; se conduz à dinâmica do encontro: com o próprio Jesus Cristo e com os outros; se torna a Igreja (diocese e paróquia) em “Igreja em saída”; se cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, tomar consciência que é sujeito activo de evangelização.

Em 2010, na Carta Pastoral “Como eu vos fiz fazei vós também - Para um rosto missionário da Igreja em Portugal”, os Bispos fizeram um sério convite a que se criem novos dinamismos, como os Centros Missionários Diocesanos e Grupos Missionários Paroquiais, desejando que a missão universal esteja presente em todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã, pois “a missão está no âmago da Igreja, deve corresponsabilizar todos os seus membros, e não pode ser delegada apenas em alguns”.

O Centro Missionário da Arquidiocese de Braga, no desejo de “imprimir uma dinâmica missionária”, promoveu no Arciprestado de Esposende, no final do ano de 2015, o Curso de Missiologia. Entre os muitos participantes ficou a firme convicção: “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos baptizados. (...) Que ninguém renuncie ao seu compromisso. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»” (EG 120).

A semente foi lançada. São esperados frutos abundantes, passando concretamente pela criação do Centro Missionário neste Arciprestado de Esposende.



A NOVA EVANGELIZAÇÃO DEVE IMPLICAR UM NOVO PROTAGONISMO DE CADA UM DOS BAPTIZADOS (...) QUE NINGUÉM RENUNCIE AO SEU COMPROMISSO. (EG 120)



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

07 Março 2016

O meu dia-a-dia, as minhas atitudes, o modo de andar na vida deve ser um sinal concreto do facto que Deus está próximo de nós.

06 Março 2016

O Jubileu da Misericórdia é uma ocasião propícia para promover no mundo formas de respeito da vida e da dignidade de cada pessoa.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

07 Março 2016

Bússola espiritual para quem perdeu o norte: “O homem acreditou nas palavras que Jesus lhe disse e pôs-se a caminho” (Jo 4, 50) #Twittomilia



NÚMERO DE BAPTISMOS AUMENTA MAIS DO QUE POPULAÇÃO MUNDIAL

O “Anuário Estatístico da Igreja”, relativo a 2014 e divulgado pelo Vaticano, revela que desde 2005 o número de baptizados cresceu mais do que a população mundial. Entre 2005 e 2014, o número de católicos baptizados em todo o mundo aumentou 14% e a população mundial 10,8%. A Europa, com quase 23% da comunidade católica mundial em 2014, é a área “menos dinâmica em termos absolutos”, com um crescimento pouco superior a 2%, enquanto o continente africano regista o maior crescimento, quase 41%.



BISPOS CATÓLICOS: UE DEVE SER VEÍCULO DE PAZ NO MUNDO

A assembleia da Comissão dos Episcopados Católicos da União Europeia (COMECE), que terminou no dia 04 de Março, sublinhou a responsabilidade que os Estados-membro têm na construção da paz no mundo. O presidente do organismo, cardeal Reinhard Marx, afirmou que é necessário “perceber como é que a Europa pode afirmar-se hoje como um veículo efectivo de paz no mundo, sobretudo no que toca ao Médio Oriente ou ao Norte de África, mas também na Ucrânia”.



PAPA FRANCISCO: TRÊS ANOS DE PONTIFICADO DE HUMANIDADE

O padre Federico Lombardi, porta-voz do Vaticano, declarou que o Papa Francisco se tem afirmado como um líder “moral” de dimensão global nos seus quase três anos de pontificado. Em entrevista à Rádio Vaticano, o responsável disse ter a impressão de ter “crescido a autoridade do Papa como mestre de humanidade, da Igreja e da humanidade, numa perspectiva global, porque, no último ano, o Papa chegou a praticamente todos os continentes”. Bergoglio completa três anos de pontificado a 13 de Março.

“FALA A DEUS POR MIM”: A LINGUAGEM DO AMOR

NÃO SÃO PALAVRAS COMO “ADOPÇÃO” OU “DEFICIÊNCIA” QUE DEFINEM A FAMÍLIA MAGALHÃES. FERNANDO, EUGÉNIA, ANA E JOÃO OPTAM ANTES POR APOSTAR TODOS OS DIAS EM “PERSEVERANÇA”, “COMUNICAÇÃO”, “VERDADE” E “AMOR”.



FLÁVIA BARBOSA

Não é de espantar que a Ana seja afectuosa: Fernando e Eugénia, os pais, são notoriamente carinhosos. Durante o tempo que dura a nossa conversa – quase três horas – o entrelaçar de mãos e dedos entre os dois é constante. Os olhares e sorrisos são de uma cumplicidade que 25 anos de matrimónio ajudaram a construir. Quando casaram, Fernando e Eugénia decidiram que, independentemente dos filhos biológicos com que “fossem agraciados por Deus”, queriam adoptar uma criança, ter um “filho do coração”. Deram seguimento aos papéis necessários e um ano bastou para que o processo fosse concluído. O espectro era alargado: não importava a idade, sexo, condição ou saúde da criança.

Justificar esta opção é simples: “também não escolhemos o filho que vem da nossa barriga, por isso não tinha sentido escolher nesta situação”, explica Fernando. A Ana Paula chegou a casa da família Magalhães com dois anos e meio. Completamente autónoma em processos de sobrevivência, completamente dependente e inexperiente em termos de afectos e emoções. Com dois anos e meio vestia-se sozinha, não exigia a presença de ninguém, cumpria ordens de forma quase mecânica. Por outro lado, não sorria, não chorava, não lutava por aquilo que queria, a comunicação era mínima. Começaram os três um longo processo de aprendizagem. Os pais ensinaram a Ana a sair de uma bolha de alienação e conduziram-na na adaptação ao mundo real; a filha ensinou-lhes que havia outra forma de comunicar para além da habitual, “outra linguagem, a do amor”.

Até à altura em que Fernando e Eugénia explicam isto, a Ana pouco abriu a boca. Está sentada entre os pais, no sofá, de frente para nós, mas sem levantar o olhar. De vez em quando vai corrigindo algumas coisas que ouve. “Ainda não tenho 23 anos, pai, só em Setembro!”, admoesta. Os abraços vão surgindo, espontâneos e intensos. “Os abraços da Ana são o melhor do mundo”, replica a mãe. A certa altura,

Fernando explica à Ana que não tem que assistir ao resto da nossa conversa. “Há alguma coisa que lhes queiras dizer, Anicas?”, pergunta.

É a primeira vez que os nossos olhos e os da Ana se cruzam. O nervosismo da filha é evidente: os olhos enchem-se de lágrimas, a voz está embargada. Eugénia afaga-lhe o braço e tenta tranquilizá-la, dizendo que não há razões para estar nervosa.

“Calma, mãe, isto é difícil! Eu fui adoptada em pequenina. Não é fácil... A minha mãe foi-se embora do hospital, e estes são os meus pais do coração”, diz Ana, para rapidamente se refugiar no abraço da mãe. Eugénia explica que a filha tem perfeita consciência de que foi adoptada, processo que ainda vai digerindo lentamente com ela mesma. “É um misto: de alegria pelo que significa termos decidido acolhê-la, e de tristeza pelo facto de ter uma história diferente da do irmão. Às vezes ainda não lida bem com a situação, mas é bom falar sobre isso e deitar tudo cá para fora”, diz.

A Ana soube que foi adoptada quando perguntou aos pais, pela altura da gravidez do irmão, se também tinha vindo “da barriga”. Eugénia e Fernando optaram sempre por não esconder nada, pela transparência, por uma verdade doseada pela idade e compreensão da filha.

“Tem que se falar destas coisas com dois critérios: verdade e amor. Se faltar algum destes elementos, sai tudo ao lado. A Ana, por vezes, diz que custa muito ser adoptada e eu digo-lhe que deve pensar ao contrário... custava muito era não ter sido adoptada! E a mim é que me custava muito não a ter adoptado, não a ter! Para nós, isto é sagrado: nunca dizer nada senão ao ritmo das suas perguntas, tanto em relação à adopção como à sua história de vida”, explica o pai.

TABUS, VERDADES E ESTIGMAS

A Ana tem 22 anos e é do Benfica. É voluntária no núcleo de Alfragide do Refood, gosta de ir ao cinema, de sair com as amigas e de dançar. Tem bom acordar, não se queixa do sono ou das horas a que desperta. A Ana é alegre e afectuosa. Namora e pensa em casar. Vai às compras, mas de olho nas poupanças, religiosamente esquadrinhadas num caderno. Vai à missa, faz parte do movimento “Fé e Luz” do Estoril, reza muito, tem em Jesus um amigo. Está integrada na Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade (CERCI) de Oeiras, onde tem amigos e onde desenvolve duas



“

**NUNCA NINGUÉM
DISSE QUE O AMOR
ERA FÁCIL. É DIFÍCIL
E EXIGE TRABALHO.**



tarefas devidamente orientadas para que um dia constituam o seu próprio trabalho. Mas nem sempre foi assim. A família viu muitas portas serem fechadas “porque o caso da Ana era de patologias múltiplas, não encaixava em nenhum perfil concreto”. A Ana parecia votada a um “não-lugar”.

“Esta é a história não só da Ana, mas de muitas «Anas» no país. É uma história muitas vezes camuflada, mas que existe em todo o lado. Às vezes é mais fácil ficar em casa, não sair, não ter que levar com a incompreensão e o olhar dos outros, não ter que ser considerado diferente... Nem sempre filhos e pais conseguem lidar com esta situação. É um porto seguro ficar em casa. Como família, apostámos sempre no contrário. Ir para a rua, ir ao supermercado, comprar coisas, ir ao cinema com as amigas...”, explica Fernando.

Tabus ou estigmas não fazem parte da dinâmica da família. Falam, conversam com abertura sobre tudo, mesmo de temas como sexualidade ou reprodutividade. Recusam rótulos de “coitadinhos”, afirmam ser “uma família como as outras”. A expressão “pessoa com deficiência” não os intimida. Na CERCI, a Ana integra o Grupo de Coreografia com Expressão Corporal. “Ainda hoje ouvimos algumas pessoas dizerem que a nossa filha dança mesmo bem”, diz a mãe, embevecida. Fernando interrompe e aponta a necessidade de “dar expressão” a pessoas com deficiência.

“Engraçado... Às vezes vamos a espectáculos deles e vemos pessoas espantadas com as actuações. Dizem mesmo: «ah, até conseguem fazer isto ou aquilo!» Até?! Essa é uma frase completamente tonta... Também eu sou gordo e «até» consigo fazer coisas extraordinárias como passar por uma porta estreita!...”, brinca o pai. A frase arranca gargalhadas. Fernando ganha novo abraço: “os abraços da Ana são o melhor do mundo”, afirma. Aos pais custa pensar que o destino da Ana poderia ser outro se não tivessem movido mundos e fundos em direcção à autonomia e inclusão. Chegaram a mudar de casa, a deixar Lisboa na procura por um lugar para a filha: fizeram quilómetros, deixaram amigos e família, as respectivas profissões. Fizeram novas amizades, estabeleceram laços num meio muito mais pequeno, onde a chave para a boa integração da família acabou por residir na Ana. Regressaram à capital com mais um filho nos braços, quando já se adivinhava a adolescência da jovem. Recomeçou a procura por um lugar adequado, o incontável bater a muitas portas: não há vagas, não preenche os requisitos, não encaixa, não tem o perfil adequado, indeferido, sem direito a recurso, não pode, não dá, não pertence ao concelho. Respostas diferentes, mas que desaguavam sempre no mesmo: aos olhares de outros, a Ana não pertencia a lugar algum. A resposta acabou por aparecer “por acaso”, com a irmã Ana Rosa, do Instituto da Imaculada Conceição,

“

**ÀS VEZES É MAIS
FÁCIL FICAR EM CASA,
NÃO SAIR, NÃO TER
QUE LEVAR COM A
INCOMPREENSÃO
E O OLHAR DOS
OUTROS, NÃO TER QUE
SER CONSIDERADO
DIFERENTE...**

em Lisboa, a aceitar a frequência da jovem sem qualquer tipo de reservas ou exigências em relação ao seu percurso. Quando completou 18 anos, a Ana não pôde continuar a frequentar o Instituto. Era a altura de nova corrida contra o tempo, burocracias e estigmas. Eugénia chegou a ficar em casa um ano e meio com a filha. Não era suficiente: como qualquer outro jovem adulto, a Ana precisava de amigos, de desafios, de convivência. A CERCI apareceu entretanto. Há um ano e meio que usufrui da instituição. “Está mais feliz, e nós também”, conclui a mãe.

OS IRMÃOS: PAPÉIS REINVENTADOS

Não chegámos a conhecer o João, irmão da Ana, ocupado com a escola na altura. Os pais e a irmã

descrevem-no como bem-humorado, divertido, “reguila”. A relação entre os dois irmãos parece ser a típica, com carinho e picardias à mistura. Mas o caminho até chegarem a este patamar também conheceu atropelos: João, enquanto criança, não conseguia compreender algumas das atitudes da irmã, o que o levou a experimentar um percurso de medo e afastamento. Teve colegas que dele se distanciaram, foi sujeito a olhares de incompreensão e desconfiança, a tiradas jocosas. Com o apoio dos pais, processou tudo, resolveu os problemas de forma independente e hoje é quase como que um co-educador da Ana, invertendo os papéis e reinventando-se na figura de irmão mais velho.

“Não foi fácil o João confrontar-nos com o que sucederia no caso de nos acontecer alguma coisa. A nosso ver, ele aceita que o seu papel irá ser o de cuidar e achamos que decidiu começar já a fazê-lo”, explica Fernando. Com naturalidade, acrescenta que a vida, seguindo o seu rumo normal, fará com que este papel se prolongue depois da morte dos pais, quando estes já forem “pais do outro lado do céu”.

A mãe conta-nos que, um dia, o filho abordou os pais e perguntou o que significava para eles ter uma filha com deficiência. Depois de lhe terem respondido, retribuíram a questão. “Ele disse-nos que não era fácil, que era preciso ter muito cuidado. E depois disse algo que nos desarmou, até porque é algo que nós, adultos, nem sempre conseguimos fazer.



Explicou que só dizia o essencial, que só respondia ao que as pessoas objectivamente perguntavam sobre a irmã. E nós perguntámos porquê. O João respondeu-nos que a Ana precisa de ser protegida e que, se quiser que os outros saibam da sua vida, ela própria a conta!”, explicou Eugénia, visivelmente emocionada. Os pais dizem-nos que o papel dos irmãos de pessoas com deficiência é esquecido ou desvalorizado injustamente muitas vezes. Eugénia e Fernando assumem cair algumas vezes nesse “erro” e reconhecem a importância de ouvir aquilo que estes irmãos têm para dizer. “Estas pessoas precisavam muito de ser ouvidas, porque elas têm de facto uma história que nos ultrapassa e que nós, como pais, estamos muito longe de perceber. Nós somos pais, não somos irmãos. Mesmo que nos esforcemos ao máximo, há coisas que nunca iremos conseguir entender plenamente, são realidades muito específicas”, acrescenta Eugénia. A propósito desta última afirmação, a mãe dá como exemplo as regras e deveres dos dois filhos. Como é possível ser sempre justo e equilibrado, exigindo as mesmas coisas a um e a outro?

“Há regras que o João compreende bem, e a Ana nem tanto. Às vezes também existe a tentação de ser mais flexível com a Ana por ela estar de mau-humor, ou porque uma coisa pequena pode desencadear uma chatice grande e mais vale desvalorizar... Mas o irmão está ao lado e pode sentir-se injustiçado, ou

achar que as regras são flexíveis apenas quando convém. Não é fácil...”, explica.

Apesar de tudo, a história destes irmãos é, em muito, semelhante à de quaisquer outros com as mesmas idades. A Ana diz, com olhar sorridente, que gosta imenso do João, embora “ele seja chato”. Pelo que os pais contam, não é raro o dia em que João, como qualquer adolescente, foge dos inúmeros mimos da irmã, rindo e chamando-lhe a “tia beijoqueira da aldeia”.

AGRADECER AO “BOM DEUS”

Fernando é diácono permanente. Eugénia é leitora e ministra extraordinária da comunhão. João é leitor e acólito. “A comunidade paroquial é a nossa casa, de todos os elementos da família. Também a Ana tem o seu ministério, passa os *slides* e os *powerpoints* dos cânticos na eucaristia, é o serviço dela à comunidade”, sorri Fernando. O diaconato foi mais uma opção falada e discutida em família. O casal também assumiu a Pastoral Familiar da comunidade, estando activamente envolvido na preparação de baptismos e matrimónios. Além de integrada na comunidade, a Ana tem também outro espaço em Igreja muito importante: o movimento “Fé e Luz”. Rápida e directamente nos explica o que é: “foi fundado para as pessoas com alguma deficiência e para as suas famílias”. O pai anui e sublinha que este movimento “dá corpo ao espaço de não-espaço” de que falavam há pouco. “Imaginámos logo que um espaço destes tinha de

existir, o Espírito Santo não se ia esquecer de uma coisa destas! É um espaço de fé e da sua concretização”, diz.

A relação da Ana com Deus é “diferente”. A jovem não pede, agradece. Agradece a comida, a dança, os pais, os amigos, o filme que viu, de que tanto gostou e que “aconselha mesmo a ver”. As poucas vezes que pede a Deus, pede por outras pessoas, pelos amigos, pelos sacerdotes, pelos doentes, pelos pobres. Fala a Deus, fala com Deus, desabafa na oração. As mágoas que carrega, muitas vezes vêm a luz do dia durante a oração em família, que cumpre todos os dias. Há uma capela em casa, um sítio reaproveitado, contíguo ao quarto da jovem. É Ana quem nos mostra o espaço. É com doçura e tranquilidade que passa os dedos pela Bíblia, é com proximidade inata que segura num crucifixo.

“A Ana tem uma espiritualidade extraordinária, é íntima de Deus. Alguém duvidou uma vez da capacidade dela comungar, da seriedade do sacramento. Na altura brinquei, mas falei a sério ao mesmo tempo: disse à pessoa para ter cuidado porque se ela ouvia isso, e próxima de Deus como é, ainda



Lhe podia fazer queixa!... Eu sei que as pessoas não fazem nem dizem estas coisas por mal, mas a verdade é que a espiritualidade e fé da Ana são inquestionáveis”, diz Fernando. O pai recorda ainda o dia em que a filha, em momento de dor e aflição, talvez com receio de ver a oração enfraquecida pelas paredes que a circunscreviam, lhe implorou: “fala ao bom Deus por mim”.

A fé da Ana é gerida de forma natural. É capaz de olhar a cruz com compaixão, e de beijar Jesus “porque Ele sofreu muito”. Repreende o pai quando este, em amena cavaqueira connosco, fala de Deus enquanto

ri. “Não se brinca com Jesus, pai!”, adverte rapidamente. A espontaneidade corre-lhe na fé como nas veias.

“Com a Ana há o desmontar de tudo o que está socialmente montado. Ela já dá tanto, é tão ela, tão verdadeira, que tudo é muito mais simples. É uma aprendizagem para todos: podermos perceber o que é «o diferente», que não somos uns melhores do que os outros, que uns sabem fazer coisas que os outros não. Temos é que aprender com ela. Ela preenche todo um espaço... É o dom pelo dom. A Ana tem o seu lugar por direito, não tem que o conquistar, assim como nós temos o nosso. É um dom na família”, sorri Eugénia.

Os pais elogiam ainda a resistência da filha ao sofrimento. A dor é para a Ana outra coisa natural, faz parte da sua vida. “Superar o próprio sofrimento é uma lição extraordinária de vida. Ela tem sentimentos de humildade que chegam a custar a quem a eles assiste. Ouvi-la dizer «sim, está a custar muito, mas tem de ser»... Quem me dera que a Ana fosse diferente por ela, enquanto ela, porque o facto de não entrar no dito «normal» traz-lhe muito sofrimento. Não deixa de ser um testemunho para todos os outros. Ao revelar-se como ela é, mesmo com todas as limitações, torna mais fácil a sua aceitação”, explica a mãe.

E o futuro? “Estamos a prepará-lo. A CERCi tem uma Unidade Residencial em Lar, que irá permitir à Ana ter a sua autonomia. Nós não vamos durar sempre e ela tem direito à sua independência. Todos saímos de casa a dada altura, vai ter que encontrar a sua autonomia, mesmo que seja uma protegida. É a solução mais natural. Faz todo o sentido muito em breve fazer esse percurso, sabendo que pode vir a casa sempre que quiser. Neste momento tem que esperar, está em lista de espera”, dizem.

Terminamos a conversa confessando a Eugénia e Fernando o pensamento que nos assaltou quando os conhecemos: pelo exemplo dos dois, não é de admirar que a filha seja carinhosa. “A Ana é naturalmente assim, ela precisa muito de afectos, de abraçar, tocar... **Os abraços dela são os melhores do mundo.** A melhor forma de gerir uma crise é abraçá-la e dizer-lhe que gostamos muito dela. É aquilo que a Eugénia diz sempre, a linguagem do amor a funcionar, aquilo que a Ana entende bem e que nos obriga a entender. Tem as suas dificuldades, mas nunca ninguém disse que o amor era fácil. É difícil e exige trabalho”, diz Fernando.

Os abraços da Ana são a melhor coisa do mundo. À saída de casa da família Magalhães, e ao calor de um abraço sentido, genuíno e espontâneo, confirmámos isso mesmo.

“PAI, PERDOA-LHES”

DOMINGO
DE RAMOS

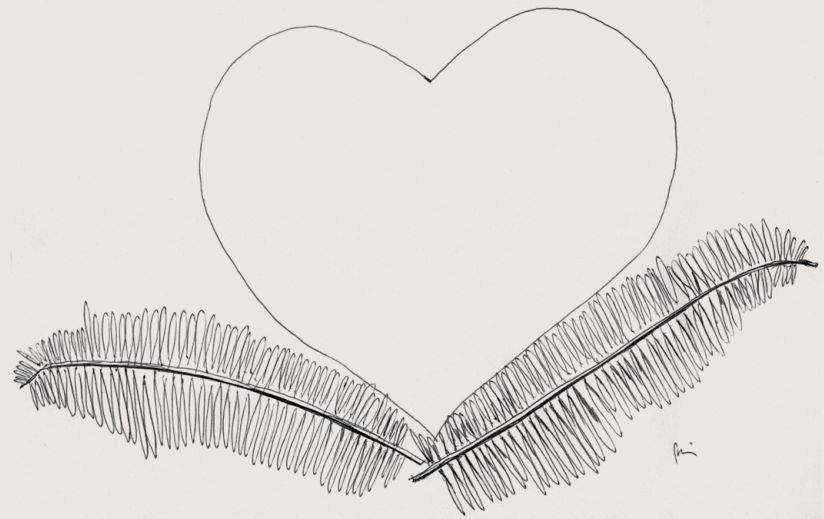


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** À entrada do Senhor, F. Santos (BML 50)
- **ACLAM. EV:** Glória a Vós, Cristo, Palavra de Deus, F. Santos (BML 50)
- **APRES.DONS:** Senhor, ouvi a minha súplica, F. Santos (NCT 93)
- **COMUNHÃO:** O Filho do Homem, F. Santos (BML 45)
- **FINAL:** Salvé, ó cruz, M. Faria (IC, p. 937)

EUCOLOGIA

Ritual próprio do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor (*Missal Romano*, pp. 215-229)
Oração Eucarística II (*Missal Romano*, p. 524 ss)

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 50, 4-7

Leitura do Livro de Isaías

O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 21 (22)

Refrão: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?

Todos os que me vêem escarnecem de mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça: “Confiou no Senhor, Ele que o livre, Ele que o salve, se é seu amigo”.

Matilhas de cães me rodearam, cercou-me um bando de malfeitores. Trespasaram as minhas mãos e os meus pés, posso contar todos os meus ossos.

Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica. Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim, sois a minha força, apressai-Vos a socorrer-me.

Hei-de falar do vosso nome aos meus irmãos, hei-de louvar-Vos no meio da assembleia. Vós, que temeis o Senhor, louvai-O, glorificai-O, vós todos os filhos de Jacob, reverenciai-O, vós todos os filhos de Israel.

LEITURA II Filip 2, 6-11

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

EVANGELHO

Forma longa Lc 22, 14 – 23, 56

Forma breve Lc 23, 1-49



ANO C — 2016

DOMINGO DE RAMOS

FALAR COMO UM DISCÍPULO

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Conversão

CARACTERÍSTICA

Louvar e bendizer o Pai de Misericórdia, no íntimo do coração, pela entrega do Seu Filho para nossa salvação e para perdão dos nossos pecados.

CONCRETIZAÇÃO: A Quaresma está mesmo a terminar e o empenho faz-nos sentir que estamos a trabalhar para que em nós haja um “coração puro”! Queremos aclamar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, mas sabemos que a Sua entrega generosa por misericórdia supera a aclamação: vamos retirar os ramos que estão sobre o coração para significar todo o nosso interesse em abrir o coração a Jesus Cristo, na Sua entrega radical.

MISSÃO

Como discípulos missionários em conversão do coração, vamos ser capazes de participar com espírito generoso na celebração do tríduo pascal: Quinta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão do Senhor e Vigília Pascal.

REFLEXÃO

A nossa caminhada com Jesus Cristo “até Jerusalém” está a chegar ao fim: eis-nos no início da Semana Santa, no Domingo de Ramos (Ano C), em que celebramos o Servo morto e ressuscitado para nos dar a vida. Nele, reconhecemos Aquele “que vem em nome do Senhor”, o Servo anunciado pelo profeta (primeira leitura), que exprime a sua confiança (salmo) e assume o desígnio salvador de Deus (segunda leitura). Nele, no seu sangue, é selada para sempre a Nova Aliança entre Deus e a Humanidade (evangelho): desde então, o sinal da cruz torna-se o sinal da salvação. Segurar os ramos, abençoá-los, é exprimir a nossa fé em Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

“Falar como um discípulo”

A primeira leitura é um fragmento retirado do terceiro poema do “Servo de Yahveh” (“Servo de Deus”). Continua a ser um enigma literário o papel dos quatros cânticos do Servo e a sua distribuição no conjunto da segunda parte do livro de Isaías (capítulos 40 a 55). Por um lado, o “Segundo Isaías” tem como destinatário o “povo”: é a convocatória à comunidade desterrada na Babilónia, anunciando o regresso a Jerusalém; mas os poemas falam de um personagem individual. Por outro lado, o povo exprime a sua confiança em Sião e nas suas instituições; mas o Servo não é um rei poderoso, mas um homem de dores. Existe alguma relação entre as duas temáticas (que convivem aparentemente de forma autónoma no livro) e que a nós nos escapa?

O texto descreve três situações: a palavra pronunciada, o ouvido atento, o corpo

ultrajado e torturado. O tema da palavra é muito querido depois do regresso do exílio na Babilónia: a palavra de Deus é criadora; a palavra de Deus é permanente; a palavra de Deus é fecunda. Agora, o Servo tem como missão usar a “palavra” para dar alento aos abatidos. Não é uma palavra para humilhar ou insultar. É uma palavra para manter a vida e manter a esperança. É a palavra do discípulo missionário: “Falar como um discípulo”.

A “escuta” é o segundo tópico do texto. O povo bíblico vive da escuta obediente a Deus. Embora não seja um tema novo, surge com insistência no segundo poema do Servo. Agora, é Deus quem “desperta” os ouvidos do Servo: o ser humano é um ser de diálogo; a revelação é diálogo e encontro entre duas liberdades; o Servo não oferece resistência à palavra de Deus. O terceiro ponto é o da corporeidade: costas, face, rosto. Dos insultos e injúrias passa-se à tortura. O Servo, numa atitude pouco habitual, não oferece resistência, antes entrega o seu corpo. Em todos os momentos, seja de forma implícita ou explícita, é Deus quem sustenta e conforta o Servo. Por isso, não fica “envergonhado” nem “desiludido”. A confiança em Deus é o fundamento da sua maturidade pacífica. As atitudes do Servo espelham de forma clara a personalidade de Jesus Cristo. Não admira, por isso, que a Igreja reveja neste Servo o anúncio profético da vida do seu Messias e Salvador. E o cristão é convidado a entrar na escola do Servo para aprender a “falar como um discípulo”, a anunciar a alegria do Evangelho.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Introdução ao espírito da celebração

Jovem: Bendito o que vem em nome do Senhor! É Ele, quem nos conduz à fonte da Misericórdia! Eis-nos chegados à Semana Maior, nela celebramos o acontecimento central da nossa salvação: Paixão, morte, sepultura e ressurreição do Senhor Jesus! A Liturgia de hoje, Domingo de Ramos, abre as celebrações pascais. Como assembleia reunida, encontramo-nos entre a multidão que acorre festiva à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, cidade santa.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Senhor, Pai de misericórdia, que nos mostrais continuamente o Vosso Amor, em Jesus Cristo, Vosso Filho, no alto da cruz, escutai com bondade infinita as nossas preces. Com toda a confiança nós Vos pedimos:

R. Dai-nos, Senhor, um coração puro.

1. Pela santa Igreja, seus ministros e fiéis, para que vivendo na fé o mistério da Paixão, recolham da árvore da cruz o fruto da esperança e da misericórdia. Oremos, irmãos.
2. Por todos aqueles que, ao longo desta Semana Santa, querem viver e celebrar, com fé, a Paixão e abraçar a cruz, para que renasçam para uma nova Vida, cada vez mais comprometida com o Amor misericordioso de Deus. Oremos, irmãos.
3. Por todos nós e pela nossa comunidade paroquial, para que, unidos à paixão e morte do Redentor, sejamos conduzidos à Ressurreição. Oremos, irmãos.
4. Pelos nossos irmãos que já partiram, para que contemplem agora, em Vós, a verdadeira Fonte da Alegria. Oremos, irmãos.

Senhor, nosso Deus, que Vos dignastes contar-nos entre o número daqueles para quem o vosso Filho implorou o perdão ao expirar, dai-nos a graça de descobrir, à luz da fé, o amor infinito com que nos amais. Por nosso Senhor, Jesus Cristo...

ADMONIÇÃO FINAL

Envolve-nos o espírito da Paixão do nosso Redentor, mas temos a certeza da Sua presença viva. Já O aclamamos, já O contemplamos na Sua Paixão e morte, actualizadas nesta celebração, na Palavra e no Altar. Vamos agora abrir-nos à Sua Bênção e sentir-nos enviados como testemunhas da radicalidade do Amor que aqui celebramos.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene para a Paixão do Senhor (*Missal Romano*, p. 556)

Olive & Noé



JUNTO A MARIA SE EU FOSSE UMA CRIANÇA

Seria um rapazito aproximado
Da Senhora que tinha o seu Menino
Seguindo-a sempre, para qualquer lado
E olhando de soslaio o "Pequenino"...

Iria à "venda" fazer-lhe um recado,
Trazer-lhe a mercearia e, com tino,
Dava-lhe as contas do encomendado
Vendo em resposta o seu sorrir divino...

Se S. José chamasse, em voz discreta
E eu visse a Virgem Mãe um pouco inquieta
Deixando o coração no sonho imerso;

Se duvidasse um pouco, nessa hora,
Eu lhe diria logo: vá, Senhora,
Que eu aqui fico a embalar-lhe o berço...

Valdemar Gonçalves



CÁRITAS ANGARIA MAIS DE 12 MIL EUROS

No âmbito da Semana Nacional da Cáritas 2016, a Cáritas Arquidiocesana de Braga realizou o seu habitual peditório público.



A iniciativa decorreu entre os dias 25 e 28 de Fevereiro, tendo sido angariados 12.235,07€. No peditório estiveram envolvidos 205 voluntários, com o apoio logístico de 20 pessoas. A iniciativa distribuiu-se por 21 locais da Arquidiocese de Braga, tendo sido dividida por dez arceparquias: Barcelos, Braga, Esposende, Fafe, Guimarães, Póvoa de Varzim, Vieira do Minho, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde. A Cáritas Arquidiocesana

de Braga já divulgou publicamente os resultados da campanha e agradeceu a todos quantos contribuíram "para a causa".

A instituição manifestou a intenção de "continuar presente de forma efectiva na comunidade, apostando na disponibilização de meios, que de forma fraterna e gratuita, próxima e partilhada, representem a diminuição das situações de carência social e afectiva, através de serviços como o Atendimento Social, o Refeitório Social, o Roupeiro Social, o Banco de Equipamento Médico Hospitalar, o Banco Alimentar, o Balneário Social, a Residência Partilhada, o Espaço Igual – Centro de Informação e Acompanhamento de Vítimas de Violência Doméstica, Projectos de Formação para grupos desfavorecidos, Campanhas Humanitárias e da Dinamização da Pastoral Social, através do Programa «+ Próximo»".

AGENDA

11.03.2016

OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO

21h00 / Auditório Vita

12.03.2016

**JANTAR SOLIDÁRIO
DIA DA MULHER**

20h30 / Pavilhão Multiusos de Brufe

13.03.2016 A 26.03.2016

FESTIVAL DE MÚSICA RELIGIOSA

11h00 / Museu de Alberto Sampaio



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o cónego Fernando Monteiro.



Faça um Like

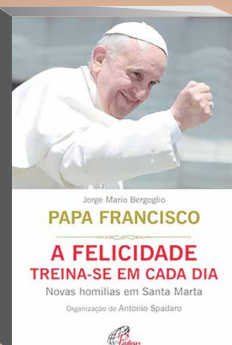


Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



PAPA FRANCISCO

**A FELICIDADE
TREINA-SE
EM CADA DIA**

Este é o segundo volume das homilias matinais proferidas pelo Papa Francisco na Casa de Santa Marta, local onde reside no Vaticano. O livro inclui 155 homilias, datadas de Março de 2014 a Junho de 2015. "Entre as inúmeras expressões do magistério do Papa Francisco, estas homilias pronunciadas espontaneamente, sem qualquer texto escrito precedente, constituem, provavelmente, a expressão mais natural manifestada pelo seu coração de crente diariamente interpelado pela Palavra de Deus", escreveu o Padre Federico Lombardi no prefácio.

PVP
18,90€

10%
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 10 a 17 de Março de 2016.